A UM SÉCULO DO NASCIMENTO DE

Litoral

SEMANÁRIO

DIRECTOR E EDITOR — DAVID CRISTO • ADMINISTRADOR — ALFREDO DA COSTA SANTOS
PROPRIETÁRIOS — DAVID CRISTO E FRANCISCO SANTOS • REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: EM «A LUSITÂNIA», R. DE HOMEM CRISTO, 20 — TEL. 23886 — AVEIRO

HOMEM CHRISTO

— o Homem que nas páginas de "O POVO DE AVEIRO" levou o nome de Aveiro a todas as latitudes

TESTEMUNHO

do DR. FREDERICO DE MOURA

A geração a que pertenceu Homem Christo não se caracterizou por uma perspectiva humana onde a planura predominasse. Ao contrário, foi uma geração rica de acidentes, alguns de proeminência ponteaguda, e sacudida, ao mesmo tempo, por vendavais rijos e oriundos de todos os quadrantes. Foi num clima assim, profuso de intempéries e fustigado de lufadas, por vezes ciclónicas, que se processou a maior parte da sua trajectória biográfica, trajectória que foi sempre a força desmedida dum temperamento nítido de contornos e marcado de vincos.

Os homens de projecção, para serem apreciados sem deformações desfiguradoras, têm de ser vistos no tempo e no espaço. É imprescindível situá-los, antes de sobre eles emitir juízos de valor, porque, sem essa precaução, é fatal que a visão das personalidades resulta perturbada, quer por alongamentos de simpatia, quer por achatamentos de restrição. Grande parte da óptica anómala com que certos historiadores nos transmitem acontecimentos e factos do passado deve filiar-se na falta de coordenadas que definam, com rigor, a posição dos homens e dos fenómenos sociais que pretendem estudar.

E o caso de Homem Christo é particularmente susceptível de avaliações, quer aditivas quer subtractivas, dada a circunstância de possuir uma individualidade caudalosa e cortada, a miúde, de pegos e cachões.

Estruturalmente panfletário, toda a sua acção e todo o seu teor de vida foram impregnados por essa constante, visível, aliás, com toda a nitidez, ao longo de todo o seu caminho. E' claro que um temperamento assim, caracterizadamente polémico, tinha fatalmente de fabricar inimigos, ao mesmo tempo que estimulou admirações quentes e entusiásticas.

E agora, à distância de um século do seu nascimento, é ainda difícil apresentar a sua personalidade isenta do parasitismo dos seus detractores e do incenso dos seus adeptos. De qualquer modo, não será difícil, creio eu, acordarmos todos em que, no meio de toda esta ganga adventícia, existe uma riquíssima individualidade, um polemista de pulso forte como um gladiador, um jornalista de combate dos mais expressivos que se topam no nosso jornalismo. E sendo, embora, estas as suas características nucleares, não se pode deixar sem referência o seu idealismo, informado por uma séria cultura corroborante a que se pode somar um amor, «quase físico», às ideias.

Paladino da cultura popular, não limitou a sua acção à mera propaganda doutrinária por que desceu até à difusão directa, quer ensinando recrutas a ler, quer espalhando os seus conhecimentos numa conversa que — ninguém poderá negá-lo com justiça — tinha um poder de comunicabilidade verdadeiramente aliciante.

Era medularmente um peninsular que manteve permanentemente uma dedicação filial pela cultura francesa, cultura que lhe fornecia informação sem deformar a sua especificidade. E a essa especificidade se há-de ir catar aquilo a que se chama

Continua na página 8

Contradições aparentes
UM PENSAMENTO e UMA VIDA

ARTIGO DO DR. QUERUBIM GUIMARÃES

QUEM se propuser estudar a estranha personalidade deste grande lutador — que preencheu com o seu nome e os seus ataques jornalísticos uma grande parte do século passado e do actual — e o quiser fazer no intuito de vincar o seu perfil psicológico, encontrar-se-á, por vezes, ante sérias dificuldades pelos aparentes contrastes da sua vida, com desníveis desconcertantes e atitudes contraditórias de pensamento e acção.

Foi, sem dúvida, um aveirense dos mais ilustres do seu tempo. Aveiro deve-lhe muito no que de maior interesse para esta terra exigia pulso rijo de combatente audaz, *sans peur et sans reproche*. Aveiro reconhece-o e manifesta-o sem rebuço. Simples dever de gratidão. Já aqui, em data recente, lhe apontei essas virtudes, sem qualquer reserva ou espírito de lisonja, que nunca tive para com ele quando, em vida, com a sua hercúlea clava de fundibulário zurzia contemporâneos, os maiores do seu tempo.

Afastado do seu convívio, mais por inadaptação temperamental do que por divergências políticas — que, aliás, nunca me privaram das mais fortes amizades pessoais entre adversários —, nunca deixei de lhe reconhecer méritos e serviços, como também nunca me perturbei, em pueril acanhamento ou temor do seu ataque, para manifestar, em particular ou em público, as minhas discordâncias.

Não é isso, porém, que me faz voltar a terreiro e acercar-me, na evocação da sua memória, neste centenário que decorre, dessa más-

Continua na página 8

O AVEIRENSE

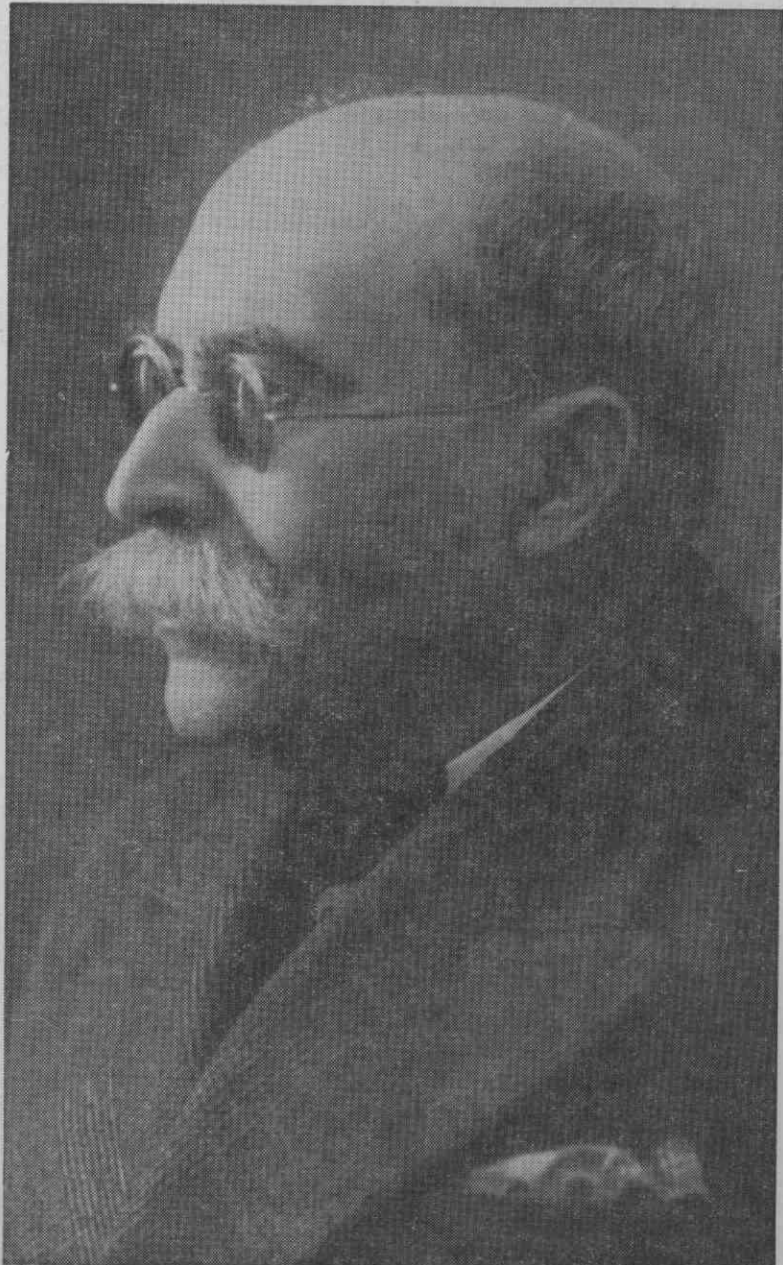
POR EDUARDO CERQUEIRA

EU não vou agora afirmar que Homem Christo foi como o conhecemos, por ser da sua terra. Mas foi, com certeza, de Aveiro e, como outros aveirenses eminentes, combativo, independente, de uma irreverência e de um inconformismo que excedem as craveiras do comum. Eu citaria, por ordem cronológica, alguns dos vultos maiores desta velha urbe — a que já chamei uma espécie de «ilha» cercada terra por todos os lados menos por um — nos quais alguns daqueles traços eram evidentes. Fernão de Oliveira, o primeiro gramático e nautógrafo português, foi um homem discordante no seu tempo; o cientista João Jacinto de Magalhães, subtraiu-se ao ambiente mesquinho da sua época; José Estêvão foi como sobejamente se sabe; e esse ingratíssimo Augusto Soromenho nunca poupou os amigos a quem era mais devedor, quando eles alguma vez não procederam com lisura impecável, fossem eles Herculano ou Camilo, segundo este próprio testemunha.

Homem Christo era desses homens da beira-mar, que têm o coração ao pé da boca e falam alto, para que a voz se ouça em cima do marulho das vagas e se ouça sempre. E era inveteradamente aveirense, nado e criado numa terra ainda de duas freguesias, ligadas e separadas por um canal da Ria, de duas bandas de música, de irmandades rivais, de regeneradores e progressistas, de emuloções e quezílias, de *cagaréus* e *ceboleiros*.

Em menino sofreu directamente, na alma e no corpo, as consequências de uma injustiça, de que foi vítima o homem do povo, honrado trabalhador caído na desgraça, que era o seu pai. O fermento da revolta começou, decerto, a levedar nessa idade tão fundas e indeléveis se gravam as impressões. E a luta, ainda que por ser o mais novo fosse o mais poupado na família, cedo começou. A luta e o desgosto, e a reacção contra as humilhações a

Continua na página 7

Aveiro, 12 de Março de 1960 * Ano Sexto * Número 281

Banco Regional de Aveiro

Relatório, Balanço e Contas da Direcção e Parecer do Conselho Fiscal

GERÊNCIA DE 1959

Senhores Accionistas:

De acordo com as disposições legais e estatutárias, temos a honra de submeter à apreciação de Vossas Excelências o relatório, balanço e contas relativos à gerência de 1959.

Permitimo-nos propor que o lucro liquido de Escudos 1.506.444$94, tenha a seguinte aplicação:

5 % para o Fundo de reserva legal	*75.322$25*
para dividendo de 8 %, cativo de impostos	*800.000$00*
para cumprimento do art.º 20.º dos Estatutos	*65.178$60*
para reforço da caixa de reformas do pessoal	*40.000$00*
para amortização da conta de Imobilizações	*141.761$30*
PARA REFORÇO DOS FUNDOS DE RESERVA:	
legal	*24.677$75*
para compensação de contas em litígio	*250.000$00*
Para conta nova	*109.505$04*
Total	*1.506.444$94*

Cumpre-nos agradecer ao Conselho Fiscal a sua cooperação sempre atenta e leal e registamos, com muita satisfação, a dedicada colaboração do nosso pessoal.

Aveiro, 31 de Dezembro de 1959

A Direcção,

aa) *Alfredo Esteves*
Egas da Silva Salgueiro
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

Carteira de Títulos

Fundos Públicos:		
320 obrigações do Tesouro, 2 1/2 %, 1942	322.560$00	
170 ditas, de 3 1/2 %, 1951	172.040$00	
1.420 ditas do Consolidado de 2 3/4 %, 1943	1.313.500$00	
78 ditas, de 3 %, 1942	75 660$00	
365 ditas, de 3 1/2 %, 1941	370.475$00	
25 ditas, de 4 %, 1940	56.250$00	
1 dita, Fundo Externo, de 3 %, 1.ª série	1.400$00	2.311 885$00
Títulos Nacionais:		
5.909 acções da Comp.ª Aveirense de Moagens	618.175$00	
496 ditas, das Fábricas Jerónimo Pereira Campos, Filhos, (S. A.)	77.748$90	
175 ditas, do Banco da Agricultura	5.600$00	
100 ditas, do Banco do Alentejo	52.000$00	
10 ditas, do Banco de Portugal	27 900$00	
20 ditas, da Comp. Port. de Tabacos	5.640$00	
15 ditas, da Comp. Tabacos Portugal	11.100$00	
34 ditas, da Comp Ind. Portuguesa	680$00	
300 ditas, da Hidro-Eléctrica do Zézere	370.500$00	
30 ditas, da União Eléctrica Portuguesa	5.160$00	
45 ditas, da Comp. Port. de Celulose	116.550$00	
200 ditas, da Soc. Transp. Aér. Port.	200.000$00	
42 ditas, da Siderurgia Nacional. (S.A.)	42.000$00	
14 ditas, da mesma c/ o desembolso de 30 %	4.200$00	
65 ditas, da Radiotelevisão Portuguesa (S. A.)	65.000$00	
20 ditas, da Comp. dos Assuc. de Angola	31.200$00	
5 ditas, da Soc. Agrícola do Cassequel	7.150$00	
30 ditas, da Comp. da Ilha do Príncipe	42.000$00	
1.000 ditas, da (Messa) Máquinas de Escrever, (S. A.)	100.000$00	1 785.603$90
Total		4.097.488$90

BALANÇO GERAL EM 31 DE DEZEMBRO DE 1959

ACTIVO

Caixa:		
Dinheiro em cofre	4.488.385$85	
Depositado em Bancos	13.818.412$10	18.306.797$95
Carteira de títulos		4.097 488$90
Carteira comercial		27.329.285$35
Contas correntes e empréstimos caucionados		20.186 645$74
Correspondentes no País		2.583.286$02
Devedores e Credores, moeda nacional		9.872.242$90
Participações financeiras		54 000$00
Contas em litígio		834.494$80
Imobilizações		671.861$30
Valores de conta alheia		8.049.136$34
Contas de ordem		14.904.830$80
Total		106 890 070$10

Aveiro, 31 de Dezembro de 1959

O Guarda-Livros,

a) *Raul de Oliveira Abrantes*

PASSIVO

Depósitos em moeda nacional:		
A' Ordem	27.523.757$65	
A Prazo	24.674.472$80	52.198.230$45
Contas correntes e empréstimos caucionados		602 946$49
Correspondentes do País		5.447.217$48
Devedores e Credores, moeda nacional		5.497.065$50
Letras a pagar — cheques avisados		729.391$10
Exigibilidades diversas		84.935$70
Credores por valores de conta alheia		8.169 007$64
Contas de ordem		14.904.830$80
Capital		10.000.000$00
Fundos de reserva:		
Legal	3 100 000$00	
de dividendo	800.000$00	
especial para contingências	2 600.000$00	
para oscilação de valores	500.000$00	
para compensação de contas em litígio	750.000$00	7.750.000$00
Lucros e Perdas		1.506.444$94
Total		106 890.070$10

BANCO REGIONAL DE AVEIRO

A Direcção,

aa) *Alfredo Esteves*
Egas da Silva Salgueiro
Pedro Grangeon Ribeiro Lopes

Conta de Lucros e Perdas

RECEITAS:

Saldo do ano anterior	127 226$72	
Receita do exercício	3.842.736$56	3.969.963$28

DESPESA:

Juros, comissões, etc.	1.075.437$56	
Prejuízo em diversas rubricas	64.140$91	
Despesas gerais	979.547$07	
Contribuições e impostos	344.392$80	2.463.518$34
Lucro líquido		1.506 444$94

PARECER DO CONSELHO FISCAL

Senhores Accionistas:

O relatório, balanço e contas da digna Direção do Banco representam a situação exacta deste estabelecimento pois tudo nos foi dado examinar na nossa missão fiscalizadora.

Por isso somos de parecer:

Que deis a vossa aprovação aos referidos documentos e que concordeis com a proposta da Direcção para a distribuição dos lucros;

Que louveis a Direcção pela sua dedicada e prestimosa administração;

Que manifesteis ao Pessoal o vosso louvor pela boa colaboração que nos tem dado.

Aveiro, 4 de Janeiro de 1960

O Conselho Fiscal,

aa) *Alberto Casimiro Ferreira da Silva*
Manuel Rasoilo do Sacramento
Orlando Moreira Trindade

SECRETARIA JUDICIAL

Comarca de Aveiro

Anúncio

1.ª publicação

Faz-se público que pela Segunda Secção de Processos do Segundo Juízo da Comarca de Aveiro, correm éditos de trinta dias, citando *incertos*, para no prazo de dez dias, findos os dos éditos, contestarem, querendo, a acção sumária que os autores Maria da Conceição, doméstica, e marido, Francisco de Oliveira e Silva, electricista, de Vila Nova de Gaia; Prazeres Mónica, doméstica, e marido, Jaime de Almeida, industrial, de Aveiro; Madalena Mónica, solteira, maior, doméstica, de S. Bernardo; Júlia Brites Mónica, solteira, maior, doméstica, de S. Bernardo, movem contra os réus Helena Neves Figueira, viúva, domestica de S. Bernardo; Zélia Neves Mónica, doméstica, e marido, Aires Coelho Filipe, viajante, de S. Bernardo; António Bolais Mónica Júnior, industrial, residente em Morói a Misericórdia, Caracas-Venezuela, e mulher, Laura Pereira dos Santos Mónica, doméstica, da Rua de João de Deus, Bairro do Vouga, desta cidade, cujo pedido consiste em: a) — Os réus, a reconhecerem que os filhos da falecida *Maria Azevedo*, entre os quais os autores, são os únicos e legítimos donos e possuidores do prédio casas com quintal e pertenças, sitas na estrada de S. Bernardo, freguesia da Glória desta cidade, confinante do Norte com José Gonçalves Bispo, do Sul com Manuel Maria Mónica, do Nascente com a estrada e do Poente com servidão de vários, antigamente a metade sul, pela posse trintanária sobre a separação material aludida nos artigos 15.º e 16.º da petição inicial; b) — A absterem-se os réus de qualquer acto prejudicial a esse reconhecimento.

Aveiro, 3 de Março de 1960

O Chefe de Secção,

Joaquim Mendes Macedo de Loureiro

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Carlos Vilas-Boas do Vale

Litoral ★ Aveiro, 12-3-1960 ★ N.º 281

Banco Regional de Aveiro

Aviso

Avisam-se os accionistas do Banco Regional de Aveiro, de que, a partir do dia 15 do próximo mês de Março, estará em pagamento o dividendo de 1959 (*coupon* n.º 27), em todos os dias úteis, excepto aos sábados, sendo as importâncias líquidas a pagar por cada acção, as seguintes:

Esc. 8$00 para as acções isentas;
Esc. 6$72 para as acções nominativas;
Esc. 6$80 para as acções ao portador, registadas;
Esc. 5$36 para as acções ao portador, não registadas.

Aveiro, 24 de Fevereiro de 1960

A Direcção

Associação Aveirense de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas

Pelo espaço de trinta dias está a concurso, sòmente pelo período de um ano, o lugar de cartorário privativo desta Associação, com a remuneração mensal de Esc. 200$00.

Aveiro, 28 de Fevereiro de 1960

Campeonato Nacional da II Divisão

RESULTADOS Prosseguiu a realização do torneio, na zona nortenha, com a efectivação dos jogos correspondentes à quarta jornada, em que se apuraram os seguintes desfechos:

LEÇA, 55 — ESGUEIRA, 35; SPORTING FIGUEIRENSE, 18 — SALESIANOS, 36; e SPORT, 47 — FLUVIAL, 32, *na Subsérie A-1*; e SANJOANENSE, 43 — GUIFÕES, 60; OLIVAIS, 42 — EDUCAÇÃO FÍSICA, 38; e GALITOS, 46 — BOAVISTA, 19, *na Subsérie A-2*.

Entretanto, a meio das duas últimas semanas também se realizaram alguns dos desafios em atraso, registando-se estes resultados:

SALESIANOS, 40 — LEÇA, 41; FLUVIAL, 56 — ESGUEIRA, 40; e BOAVISTA, 27 — GUIFÕES, 35.

GALITOS, 46
BOAVISTA, 19

Jogo no Rinque do Parque, na noite de sábado passado, sob arbitragem dos srs. Carlos Neiva e Narsindo Vagos. Os grupos apresentaram:

GALITOS — 19 cestas e 8 lances livres transformados em 18 tentados (44,44 °/o) — Albertino 4, José Fino 8, Artur Fino 14, Arlindo 10, José Luís Pinho 5, Júlio 4, e Hernâni 1.

BOAVISTA — 8 cestas e 3 lances livres transformados em 16 tentados (19,37 °/o) — Sousa, Alves, 2, Carlos, Monteiro 6, Oliveira, Brilhantino 3, Óscar, Cardoso, Garnacho 6 e Leite 2.

A partida foi sòmente regular, já que os campeões de Aveiro, desastrados na finalização, não souberam explorar convenientemente a fraqueza e a incipiência dos seus adversários — últimos do torneio portuense.

Assim mesmo, os números finais dão clara ideia da diferença existente entre as duas equipas. Ao intervalo: 20-6.

De referir, a finalizar, uma lamentável atitude do aveirense Hernâni, que — embora com razão — desrespeitou um dos árbitros, sem ter sido expulso do terreno, como merecia, por falta de pulso desse mesmo árbitro...

FLUVIAL, 56
ESGUEIRA, 40

Jogo no Porto, no Campo do Lima, na penúltima quinta-feira, como nestas colunas referimos já. Arbitraram os portuenses Domingos Barbosa e Artur Norberto e os grupos apresentaram:

FLUVIAL — 25 cestas e 6 lances livres transformados em 20 tentados (30 °/o) — Oliveira 4, Salgado 8, Castro 16, Ribeiro 12, Mendes 8 e Costa 8.

ESGUEIRA — 16 cestas e 8 lances livres transformados em 20 tentados (40 °/o) — Ravara, Raul 2, Américo 4, Valente 20, Manuel Pereira 4, Salviano 10, Luís Maria e Vinagre.

Os esgueirenses cederam demasiadamente até ao descanso (28-17), pelo que vieram a perder o encontro. No entanto, no segundo período, os fluvialistas encontraram maiores dificuldades (28-23), pois o Esgueira subiu muito.

LEÇA, 55
ESGUEIRA, 35

A partida, sob direcção dos portuenses Manuel dos Santos e Altamiro Pinho, efectuou-se em Leça da Palmeira, no domingo, pela manhã. As equipas formaram:

LEÇA — Emídio 4, Mota 4, Pedroso 12, Lima 15, Augusto 12, Zé Maria 2 e Santiago 6.

ESGUEIRA — Raul, Manuel Pereira 6, Américo 6, Valente 13, Salviano 10, Vinagre e Ramalho.

Continua na página 6

Xadrez de Notícias

Na primeira contagem efectuada relativamente à Taça Disciplina *do Campeonato da II Divisão, em basquetebol, o Esgueira ocupa o 6.º lugar e o Galitos o 10.º. Noutra competição da Federação de Basquetebol* — Campeonato Nacional de Lance Livre — *o Galitos encontra-se em 4.º lugar e o Esgueira em 10.º.*

Sob orientação de Anselmo Pisa, recomeçaram na quinta-feira os treinos das escolas de infantis do Beira-Mar. Haverá sessões de preparação às quintas-feiras e aos sábados

No passado domingo, nas Pirâmides (frente à Lota), iniciaram-se os treinos dos velejarores inscritos nas escolas do Sporting de Aveiro, que, hoje e amanhã, juntamente com os representantes qualificados do Clube, se preparam na Costa Nova.

O Clube dos Galitos não se inscreveu, este ano, no Campeonato Nacional Feminino, em basquetebol, que, esta época, não contará também com a presença do grupo do Belenenses.

O Sporting Clube de Aveiro vai promover na Costa Nova, em 26 e 27 do corrente mês de Março, a realização do Torneio Aniversário, que comportará três regatas de «moths».

Haverá diversos prémios e, por certo, muito interesse, já que estarão presentes velejadores da Associação Desportiva Ovarense e do Clube Naval de Aveiro, além de, claro está, representantes do Clube organizador e aniversariante.

Campeonato Nacional da II Divisão

FUTEBOL

COMENTARIO GERAL

Em ambiente de muito interesse, retomou o seu curso, para nova etapa de curta duração, já que a Taça não tarda a reaparecer, o apaixonante Campeonato Nacional da II Divisão. Dos grupos que se deslocaram, sòmente um — o leader — não foi derrotado: o Salgueiros empatou, sem golos, em Azeméis, permitindo que a Oliveirense se mantivesse invicta no seu recinto.

Nas seis partidas restantes, o resultado mais surpreendente surgiu num embate entre aveirenses, precisamente em Espinho, onde a Sanjoanense foi duramente punida. Trata-se da luta da permanência no torneio secundário, agora em intensidade redobrada, pois o termo da competição aproxima-se a passos largos. De igual modo, se situam os êxitos do Vila Real sobre o Caldas, e do União sobre o Torreense. Refira-se que no jogo de Coimbra se defrontavam dois dos mais aflitivos, enquanto que, na Costa Verde e no Marão, os teams forasteiros se incluem no lote de candidatos ao segundo posto...

Entre os outros pretendentes a este cobiçado lugar, notou-se o novo isolamento do Peniche, que venceu, finalmente, no decurso da segunda volta: a vítima, o Académico, baixou novamente ao penúltimo lugar, de parceria com o Torreense, sòmente com um ponto de avanço sobre a turma de Coimbra. O Marinhense derrotou o Chaves, e mercê do goal average, é agora o primeiro do trio dos terceiros, onde se encontram também os flavienses e os beiramarenses, que, no domingo, se superiorizam ao Vianense.

Continuam, portanto, muitos grupos interessados nos lugares cimeiros — e todos eles não mostram desejo de ceder um palmo! E continuam, também, muitos grupos interessados na fuga aos postos da cauda da tabela — todos eles evidenciando ardente fé nas respectivas salvações! O interesse da prova continua bem alto, e os jogos finais prometem revestir-se de inusitado calor, com o que muito lucrarão (e sofrerão!) os adeptos do futebol.

no 20.º DIA

Espinho, 4 — Sanjoanense, 0
Peniche, 3 — Académico, 0
Marinhense, 2 — Chaves, 0
União, 2 — Torreense, 1
Vila Real, 2 — Caldas, 0
Beira-Mar, 3 — Vianense, 1
Oliveirense, 0 — Salgueiros, 0

Beira-Mar, 3 — Vianense, 1

Lídimos representantes, no Desporto, de duas terras tradicionalmente amigas, Beira-Mar e Vianense souberam, no domingo, estreitar os laços amistosos entre as suas cidades, importantes centros do litoral nortenho. É que, na verdade, o jogo — de capital importância para ambos os grupos — agradou, antes de tudo, pela inexcedível correcção dos atletas, que se prestigiaram, prestigiando o Desporto e as colectividades que representam.

Ao intervalo o Beira-Mar vencia por 2-0. Sobre os 20 m., um centro de Raimundo levou a bola a Correia, que não a deixou parar, endossando-a, lesto, a CALISTO, que se desmarcara para o lado direito e que rematou com colocação e sentido de oportunidade, inaugurando a contagem.

Aos 41 m., RAIMUNDO fintou vários adversários, em corrida vertiginosa, e chamou a si o guarda-redes Desidério, que ficou batido por um remate sereno e preciso do centro-dianteiro aveirense, que, antes, passara para o seu verdadeiro posto: extremo.

No segundo tempo, aos 65 m., GELUCHO amenizou a diferença, com um pontapé de recarga, após deficiente alívio de Mota, que se encontrava na defensiva, aguardando o desenvolvimento de um *corner* contra o seu grupo.

Finalmente, aos 77 m, CALISTO voltou a golear. O lance nasceu numa insistência de Correia, sobre o flanco direito do ataque aveirense. A bola surgiu no centro, diante das redes, e Marçal e Laranjeira, bem situados para o remate final, foram estorvados pelo extremo-esquerdo amarelo-negro, que recolheu o esférico, volteou para trás e depois, um tanto inopidamente, alvejou a *meta* de Desidério, a um canto, iludindo o *keeper* vianense pela surpresa do pontapé, que saiu rasteiro e froixo mas colocado.

Foi visível, ao longo do desafio, o melhor fundo físico e técnico do Beira-Mar, que, mesmo sem dois titulares (Brito e Diego), se impôs de forma decisiva, dominando territorialmente, por vezes com intensidade notável, não dando mostras de sentir a falta de Mota, que se lesionou à passagem da primeira vintena de minutos e que, habitualmente, se encontra incumbido de ordenar o jogo, servindo de elo entre os sectores recuados e o quinteto dianteiro.

Dispostos a rectificar o resultado do jogo de Viana, os beiramarense lançaram-se abertamente na ofensiva, coagindo os visitantes a permanentes cuidados. Houve até inúmeros lances em que os representantes da equipa minhota tiveram que deixar cair os braços, por se reconhecerem impotentes para segurar os jogadores locais...

Estes, todavia, não traduziram em golos, como amplamente mereceram, a notória supremacia que estadearam, pois os seus rematadores — com azar aqui e além — se mostraram inexplicàvelmente

Continua na página 6

Da minha janela ...

Depois de uma semana de ausência, voltamos à janela e esperamos poder mantê-la bem aberta, agora que a Primavera se avizinha a passos rápidos... já que os assuntos dia a dia vão surgindo, e em ritmo crescente e avassalador...

1 Na sexta-feira da passada semana, o Voleibol nacional conheceu um dos mais belos momentos da sua existência, quando o Sporting Clube de Espinho, campeão nacional, venceu o Sportif de Alger, campeão francês, por 3-2, na primeira *mão* das eliminatórias para a Taça dos Campeões Europeus da modalidade.

Para o evento dos espinhenses, muito contribuiu, além do seu reconhecido valor, o modo como o público de S. João da Madeira, que acorreu ao «seu» Pavilhão de Desportos e incitou os nossos representantes — sem diminuir os adversários — levando-os à conquista duma vitória difícil, mas inteiramente merecida.

Esta atitude é digna dos maiores encómios, sabendo-se da rivalidade existente entre os dois centros desportivos. O espectáculo ficou, assim, mais completo e o Desporto saiu mais prestigiado.

Que o exemplo frutifique e tenha aplicação em todos os momentos, sejam quais forem as cores das camisolas que se defrontem.

2 *Académica e Galitos são os representantes de Aveiro no Nacional de Andebol de Sete que, na Zona Norte, tem a sua realização com os jogos, em sistema de eliminatória, entre as equipas do Clube dos Galitos e do F. C. do Porto; e da Associação Académica de Coimbra e do Centro Universitário do Porto.*

Como se sabe, o Illiabum escusou-se de tomar parte no apuramento regional, e o Atlético Vareiro e o Beira-Mar foram eliminados pelo Galitos e pelos estudantes de Coimbra, respectivamente.

Se a vitória do Clube dos Galitos é absolutamente aceitável, já não diremos o mesmo da eliminação do Beira-Mar que, sem menosprezar os académicos, surpreendeu um tanto. Na verdade, servidos por valores de razoável nível técnico, os amarelo-negros sentiram o abandono a que foi votada a Secção, abandono a que não será estranho, porventura, o procedimento inexplicável dos dirigentes associativos.

Oxalá o exemplo lhes sirva no futuro.

3 Em tempos recuados, na nossa meninice, chegámos a sentir uma enorme atracção pelo Ciclismo. Reinava o *duo* Nicolau-Trindade e não fugiamos à onda de entusiasmo que esses ciclistas espalhavam, durante anos, por esse País fora. Esse interesse levava-nos a decorar e a registar todas

Continua na página 6

CICLISMO

Triunfaram os favoritos, no início do CAMPEONATO REGIONAL DE AVEIRO

Disputou-se no domingo, pela manhã, a primeira prova do Campeonato Regional da Associação de Ciclismo de Aveiro, com a presença de representantes da Associação Desportiva Ovarense, da Associação de Futebol Oliveirense e do Sangalhos Desporto Clube.

Os favoritos venceram, e, quando tal sucede pouco resta a acrescentar. No entanto, é gostosamente que daqui revelamos o espírito de luta evidenciado por todos os concorrentes e o seu desportivismo, antes de, em separado, nos referirmos às classificações registadas nas três categorias.

Independentes

Percurso de 160 km., por Sangalhos, Mealhada, Cantanhede, Mira, Aveiro, Estarreja, Oliveira de Azeméis, Águeda e Sangalhos.

1.º — Alves Barbosa, 4. 28. 30.; 2.º — Antonino Baptista, 4. 29. 10.; 3.º — Aquiles dos Santos, m. t.; 4.º — Fernando Henriques da Silva, 4. 31. 30.; 5.º — José Calquinhas, 4. 50. 50.; (todos do Sangalhos); 6.º — Fernando Mota, 4. 55. 50.; 7.º — David António, 5. 23. (ambos da Ovarense).

Média do vencedor: 35,754 km./h..

Amadores — Juniores

Percurso de 98 hm., por Sangalhos, Mealhada, Cantanhede, Mira, Ílhavo, Aveiro, Oliveira do Bairro e Sangalhos.

1.º — Antero Elias (Sangalhos), 2. 47. 45.; 2.º — António Ferreira (Sangalhos), m. t.; 3.º — João Gomes (Ovarense), 2. 48. 30.; 4.º — Lino Santiago (Sangalhos), m. t.; 5.º — Laurentino Mendes (Ovarense), 2. 48. 45.; 6.º — Amâncio Silva (Ovarense), m. t.; 7.º — Américo Castanheira (Sangalhos), 2. 49. 45; 8.º — Armando Conceição (Oliveirense), m. t.; 9.º — António Gomes (Ovarense), 2. 50. 30.; 10.º — Armando Pinto (Sangalhos), m. t.; 11.º — António Leite (Sangalhos), 2. 51.; 12.º — João Noronha (Oliveirense), 2. 51. 45.; 13.º — António de Oliveira (Ovarense), 2. 52. 15; 14.º — Manuel Amorim (Ovarense), 2. 53.; 15.º — Amílcar Maia (Oliveirense), 2. 54. 30.; 16.º — Silvino Coimbra (Sangalhos), 2. 55. 15..

Desistiram dois concorrentes, e o

Conclui na página 6

DESPORTOS

Secção dirigida por *António Leopoldo*

Comemorações em Aveiro do CENTENÁRIO HENRIQUINO

Por iniciativa da Câmara Municipal de Aveiro e da Comissão local das Comemorações Henriquinas, foi levado a efeito, nesta cidade, nos dias 4 e 5 do corrente, um programa evocativo do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, coincidentemente com a celebração do «Dia da Marinha».

Pelas 15 horas do dia 4, realizou-se, no salão nobre dos Paços do Concelho, que por completo se encheu, uma sessão solene presidida pelo sr. Dr. Jaime Ferreira da Silva, Governador Civil, e em que usaram da palavra os srs. Dr. Alberto Souto, Presidente do Município, e Capitão-tenente Eduardo Henrique Serra Brandão, professor da Escola Naval, que brilhantemente desenvolveu o tema «O Infante de Sagres, a nossa tradição marítima e o significado das Comemorações Henriquinas». O Chefe do Distrito, em expressivo discurso, encerrou a sessão.

Pelas 16 horas, partiu da Praça da República um cortejo que se dirigiu ao monumento a João Afonso de Aveiro, ao qual prestavam guarda-de-honra marinheiros da vedeta «Corvina», então ancorada no Cais das Pirâmides. No cortejo tomaram parte filiados da «Mocidade Portuguesa» e da «Legião Portuguesa», crianças das escolas, as bandas de música e corporações de bombeiros da cidade, estandartes e representantes dos organismos corporativos, das associações locais, do Liceu e da Escola Técnica e ranchos folclóricos. Na cola, a bandeira da Câmara, ladeada pela Vereação, e as restantes entidades oficiais.

Do Rossio, o cortejo dirigiu-se à Praça do Milenário, para uma visita, no Museu, aos túmulos de João de Albuquerque, que lutou em Tânger sob as ordens do Infante, e da Princesa Santa Joana, sobrinha do egrégio impulsionador das nossas glórias marítimas.

Ali depuseram flores, tal como o haviam feito na base da estátua a João Afonso, de Aveiro, filiadas da M. P..

Pelas 18 horas, sob a presidência do sr. D. Domingos da Apresentação Fernandes, efectuou-se, na Sé-Catedral, um solene *Te-Deum* de acção de graças, a que assistiram as entidades oficiais e muitos fiéis. O Rev.º Padre Mário Sardo proferiu uma notável alocução evocativa e gratulatória.

A's 21 horas, a Banda Amizade deu um concerto na Praça da República.

No sábado, dia 5, pelas 15 horas, realizou-se, no Estádio Municipal de Mário Duarte, um festival desportivo, por iniciativa e com a participabão dos centros locais da M. P..

O Sporting Clube de Aveiro associou-se às comemorações, exibindo, no Canal Central, barcos desportivos da sua Secção Náutica. E a Escola Industrial e Comercial desta cidade editou e fez distribuir um interessante cromo comemorativo, com expressivas alusões ao Infante D. Henrique e a João Afonso de Aveiro.

Pela Capitania

Movimento marítimo

★ Em 3, procedente de Setúbal, com 80 toneladas de cimento, entrou o galeão-motor «Praia da Saúde», que, no mesmo dia, em lastro, saiu para o Porto.

Vinda do mar alto, entrou, igualmente, a lancha de fiscalização da pesca «Corvina», que, em representação da Marinha de Guerra, veio assistir ao início das Comemorações Henriquinas na nossa cidade.

★ Em 5, vindo de Lisboa, entrou a barra o navio-tanque «Shell Onze», com 370 toneladas de gasolina, e saiu para o mar alto a lancha de fiscalização da pesca «Corvina».

Procissões dos Passos

Amanhã e segunda-feira realizam-se, em Aveiro, as tradicionais procissões dos Passos, no caso do tempo o permitir.

★ Na freguesia da Vera-Cruz, amanhã, a procissão, promovida pela Irmandade de Nosso Senhor Jesus dos Passos, sairá pela 16.30 horas, percorrendo o seguinte itinerário:

Igreja do Carmo (saída), ruas do Gravito e de Manuel Firmino; Largo da Apresentação; Rua do Sargento Clemente de Morais; Praça do Peixe; ruas de Trindade Coelho, de João Mendonça e de Viana do Castelo; Avenida do Dr. Lourenço Peixinho; e ruas de Arnelas e do Carmo; igreja do Carmo (recolha).

O sermão será pregado pelo Rev.º Frei Carlos Augusto, da Ordem dos Capuchinhos, do Porto.

★ Na freguesia da Glória, na segunda-feira, o préstito, promovido pela Irmandade do Senhor dos Passos, sairá pelas 16.30 horas, da Sé Catedral, efectuando o seguinte percurso:

Ruas de Santa Joana, dos Combatentes da Grande Guerra e de Coimbra; Ponte-praça; ruas do Clube dos Galitos, de José Rabumba e de Homem Christo, Filho; Avenida de Araújo e Silva; e ruas de S. Sebastião e Santa Joana; Sé Catedral (recolha).

O sermão será pregado pelo Rev.º Padre António Martins Belém, Reitor de Beduído (Estarreja).

Bota-Abaixo

Na segunda-feira, nos Estaleiros São Jacinto, vai ser lançado à água o novo arrastão «Beira Litoral», que pertence à empresa *Pescarias Beira Litoral*, de Aveiro.

ARQUIVO DO DISTRITO DE AVEIRO

Saiu, recentemente, o número relativo a Janeiro, Fevereiro e Março de 1959 do *Arquivo do Distrito de Aveiro*, que inclui o seguinte sumário:

«O processo informativo de 1687 para a beatificação e canonização da Princesa Santa Joana, filha do rei D. Afonso V», de Francisco Ferreira Neves; «Ponte de Almeara», de Augusto Soares de Sousa Baptista; Aveiro e o seu progresso», por José Tavares; e «O distrito de Aveiro nas habilitações do Santo Ofício», de Jorge Hugo Pires de Lima.

O voo das aves

Na penúltima sexta-feira, dia 4, o sr. José Miguel de Figueiredo abateu a tiro, na Ria de Aveiro, um fuselo portador de uma anilha com a seguinte inscrição:

586293 — ZOOL. MUSEUM COPEHNAGEN — DENMARK

Quem perdeu?

Durante o mês de Fevereiro findo, foram achados na via pública e encontram-se depositados, na Secretaria do Comando da P.S.P. de Aveiro, os seguintes objectos, que se entregam a quem provar que lhe pertencem:

Uma lapiseira; um guarda chuva de senhora; um chapéu de homem; um lenço de seda; dois pares de luvas de homem; duas luvas de nom-m, sem par; duas luvas de senhora, sem par; e dois porta-moedas.

Lembrando a catástrofe de Agadir

por CARLOS GRANGEON RIBEIRO LOPES

NO local onde se elevava a bela cidade de Agadir existia, já no século XVI, um enclave onde os portugueses se entregavam à pesca. Chamava-se então Santa Cruz do Cabo de Guê e era a mais meridional das possessões portuguesas de Marrocos. Os sultões saadianos, no desejo de expulsarem os portugueses, construiram, na montanha sobranceira ao pequeno porto de pesca, uma formidável cidadela, a «Casbah», donde, durante trinta e cinco anos, combateram os portugueses até conseguirem a sua expulsão em 1540.

Hoje, a «Casbah», dominando a cidade de uma altura de 200 metros, era já uma cidade morta, com duas ou três dezenas de habitantes, mas plena de interesse turístico. A velha aldeia de pescadores portugueses era agora o bairro piscatório de Founti. Entre as duas grandes guerras, os franceses, apercebendo-se da situação privilegiada de Agadir, edificaram uma nova cidade, o Talbordj; e a seguir à última guerra, para corresponderem ao grande desenvolvimento que se previa, delinearam um novo aglomerado, a «Ville Nouvelle», obedecendo a todos os requisitos da moderna técnica da urbanização, com bairros administrativos, comerciais e residenciais, zonas verdes e dois grandes bairros industriais. Tinha actualmente cerca de 40 000 habitantes e era, além de um centro industrial importante, sobretudo de conservas de peixe, o grande porto de exportação das frutas e primores agrícolas da fertilíssima região de Souss, de que era a capital. Agadir era uma bela cidade, de clima excepcional, e os seus habitantes orgulhavam-se, justamente, dos seus luxuosos hoteis, das suas amplas avenidas e dos seus magníficos e modernos edifícios.

A oito quilómetros ao sul de Agadir, está instalada uma importante base aeronaval francesa, com grandes efectivos e todos os vastos recursos materiais de uma base moderna, que fazem dela uma das principais do Norte de África.

Era a quinta vez que eu ia a Agadir, agora acompanhado de um colega de trabalho, o sr. Manuel dos Reis, naturalmente ansioso por conhecer a bela cidade marroquina.

Tendo saído de Lisboa no dia 29 de Fevereiro, segunda-feira, pelas 9.30 horas da manhã, no avião da T.A.P., chegámos a Casablanca às 12.30 horas. Almoçámos rapidamente e seguimos logo para Agadir, de automóvel. E' um longo percurso com perto de 550 quilómetros de óptima estrada que, nos últimos 180 quilómetros, é muito acidentada e fatigante.

Chegámos a Agadir às 22 horas; e, como já era um pouco tarde, fomos directamente à fábrica — *Societé Cherifènne des Entreprisess de Pêche Aveiro-Maroc* — da Empresa de Pesca de Aveiro, onde o Gerente, sr. Oliveira da Silva, nos esperava para jantarmos juntos. Nem chegámos a tirar a bagagem do automóvel.

Eramos quatro portugueses à mesa, pois estava também connosco o sr. Francisco Pires, empregado da fábrica, que nos tinha conduzido, no seu automóvel, de Casablanca a Agadir.

Depois de jantar, na vivenda do Gerente, situada no recinto da fábrica, detivemo-nos ainda a conversar; e, quando nos dispunhamos a ir para o hotel Marhaba, onde tinhamos quartos marcados, o sr. Oliveira da Silva insistiu connosco para que assistíssemos à projecção de uns diapositivos focando aspectos e costumes de Marrocos.

Embora fatigados, acedemos; e deve-se, talvez, a esta circunstância feliz o termos saído ilesos da tremenda catástrofe que, dentro de momentos, ia destruir Agadir.

Seriam 23.40 horas quando terminou a projecção. De repente, e sem que nada fizesse prever o que se ia passar, a casa começou a ser sacudida com extraordinária violência, ao mesmo tempo que as luzes se apagaram e um espantoso ribombar de trovões subterrâneos nos deixava como que petrificados.

Os vidros e louças partiam-se com fragor; e, no meio da mais completa escuridão, sentíamos o ranger da casa, receando a todo o momento a sua derrocada. Procurei manter a calma e incuti-la aos meus companheiros, até que saímos por uma porta que dava directamente da sala para o jardim. Ainda se ouvia um ribombar longínquo e a terra ainda tremia quando nos vimos ao ar livre, com a noção exacta de que tínhamos escapado a um terrível perigo.

Foram 15 segundos, que me pareceram um século, durante os quais vivi momentos que jamais poderei esquecer.

A noite estava magnífica, os edifícios da fábrica tinham-se aguentado sem estragos visíveis e, por isso, não tivemos logo a noção da extensão da catrástofe.

Para os lados do centro da cidade viam-se clarões de incêndio. Depois de nos assegurarmos de que o pessoal residente na fábrica nada tinha sofrido, saímos de automóvel, ansiosos por saber se pessoas amigas tinham sido vítimas de quaisquer danos.

E foi então, à medida que íamos atravessando as ruas ladeadas de ruínas, por entre nuvens de poeira, que tivemos a noção da grandeza da trágica catástrofe de que, por um capricho do destino, tínhamos sido testemunhas e sobreviventes afortunados.

Foi uma ronda de pesadelo e espanto a nossa, através da cidade arruinada, procurando amigos e conhecidos. Não havia gritos nem clamores, ao contrário do que se poderia supor. A grandeza da tragédia esmagava os sobreviventes, deixando-os mudos de espanto. Esboçavam-se já os primeiros socorros, em que tomavam parte polícias e militares marroquinos, marinheiros e soldados franceses da base aeronaval, e populares. Parecia impossível como edifícios magníficos, modernos e de construção sólida, se tinham desmoronado como castelos de cartas.

O Hospital estava quase destruído e os doentes sobrevivos pejavam a rua fronteira. A estes juntavam-se os primeiros feridos que iam chegando, em ritmo cada vez maior. Mas o Hospital pouco lhes podia valer e muitos dos médicos de Agadir estavam feridos ou possivelmente mortos. Começou então a evidenciar-se a eficiência do auxílio da base aeronaval. Tendo ficado intacta, mobilizou todos os seus recursos em homens e material para socorrer a cidade mártir. Os feridos passaram a ser transportados para o seu Hospital, onde recebiam os primeiros socorros. Entre os escombros, os soldados procuravam sobreviventes, por vezes com risco da própria vida.

Foram admiráveis o espírito de sacrifício e a coragem dos marinheiros e soldados franceses. Numa quinta dos arredores, pertencente a pessoas amigas, fomos já encontrar sobreviventes que ali se tinham refugiado, feridos, alguns, outros sem notícias de pessoas das suas famílias.

E assim se passou aquela noite inesquecível. O dia nasceu, luminoso, magnífico, um belo dia de Agadir. Mas da cidade, bela e atraente, restavam só ruínas.

Os bairros mais característicos, Founti, Talbordj e Yachech, estavam literalmente arrasados; e a própria Casbah, interessantíssimo «ex-libris» da cidade, que durante mais de quatrocentos anos resistira às vicissitudes das guerras e dos tempos, não era mais que um amontoado de destroços no alto de uma montanha.

Uma das grandes preocupações, tanto minhas como do meu companheiro de viagem, era dar notícias para Aveiro. Calculávamos a aflição que se apoderaria das famílias e dos amigos ao ouvirem, pela rádio, a notícia do terramoto. Tivemos de aproveitar um emissário que foi a Mogador, a 184 quilómetros de Agadir, para mandarmos telegramas que pusessem termo à dolorosa expectativa das nossas famílias e dos nossos amigos. Consegui também que na base me aceitassem uma mensagem para Aveiro, que ficou registada com o n.º 2 583. A's quatro horas da tarde de terça-feira foi dada ordem de evacuar a cidade. Instalámo-nos numa tenda de campismo, na quinta do nosso amigo Constant, em Tacheira, próximo da base e a cerca de 10 quilómetros do centro de Agadir. Aí passámos a tarde e a noite de terça-feira, e o dia de quarta-feira até às 17.30 horas, hora a que nos despedimos da cidade mártir para regressarmos, de automóvel, a Casablanca.

Na quarta-feira já os abutres sobrevoaram a base onde se procedia ao enterro de milhares de cadáveres, em enormes valas comuns abertas por «bulldozers».

Foi uma nota impressionante. O êxodo da população civil para os campos foi também um espectáculo confrangedor. Milhares de pessoas transportando os restos dos seus haveres, a pé ou utilizando os mais anacrónicos meios de transporte, abandonavam a cidade destruída, deixando atrás de si, na maioria dos casos, parentes e amigos, mortos ou agonizantes, sob as ruínas. Havia resignação e profundo abatimento em todos os que deixavam a cidade ou esperavam, à beira da estrada, transporte para mais longe.

Quando atravessámos a cidade pela última vez na viagem de regresso, na quarta-feira à tarde, vimos à beira da estrada um campo pejado de cadáveres. Perto abria-se à pressa uma enorme vala para os enterrar, pois estava calor e sentia-se já um cheiro desagradável. A preocupação de evitar epidemias era agora a ideia dominante dos serviços de socorro.

Vi nos jornais de Casablanca, e depois nos portugueses, referências a um violento maremoto que teria agravado as consequências do sismo; mas, na verdade, e felizmente, não houve maremoto. O próprio porto comercial e de pesca sofreu prejuízos, mas não ficou inutilizado.

A zona da cidade que menos sofreu foi justamente o bairro industrial onde felizmente nos encontrávamos. No entanto, a habitação do Gerente da fábrica ficou de tal forma abalada que veio a cair em consequência de um dos pequenos abalos que houve nos dias seguintes.

Escapámos milagrosamente, como tantos outros. Os supersticiosos lembrariam a coincidência de termos escolhido justamente o dia 29 de Fevereiro, o dia a mais de um ano bissexto, para virmos a Agadir, onde chegámos hora e meia antes da sua destruição. Mas a verdade é que, felizmente, tivemos muita sorte.

Cartões de Visita

FAZEM ANOS:

Hoje — As sr.as prof.a D. Maurícia Bernardo Albuquerque, esposa do sr. prof. Acúrcio Maia de Albuquerque, de Oiã, e D. Maria da Conceição de Vilhena Barbosa de Barbosa de Magalhães, residente em Lisboa; o nosso distinto colaborador Dr. Querubim Guimarães; e a menina Capitolina dos Reis, sobrinha do sr. João dos Reis.

Amanhã — As sr.as D. Maria Babiana Soares Vieira e Pinho, esposa do sr. José da Naia e Pinho, e D. Salette da Silva Lemos, esposa do sr. Amadeu de Lemos Moreira; o sr. Manuel Álvaro de Morais Sarmento; e o menino Carlos Augusto Ferreira Guedes Pinto, filho do sr. Dr. Ernesto Guedes Pinto.

Em 14 — As sr.as D. Lourdes Pereira Campos Amorim, esposa do sr. Joaquim Adriano de Almeida Campos Amorim, e D. Maria Helena Martins Branco Lopes, esposa do Vereador sr. Eng.º Alberto Branco Lopes; os srs. Capitão Augusto Soares Pinheiro, em serviço no Regimento de Infantaria 3 (Nampula), Jeremias Gomes da Conceição e Jorge de Pinho Neto Brandão, filho do sr. prof. João de Pinho Neto Brandão, de Eixo; a menina Maria Manuela dos Santos Rocha, filha do sr. António Nunes da Rocha, aveirenses residentes em S. Paulo (Brasil); e o menino Jorge Manuel, filho do sr. Raul de Sá Seixas.

Em 15 — A sr.a D. Armanda da Costa Cerqueira, esposa do nosso apreciado colaborador Eduardo Cerqueira; os srs. Capitão Luís Paula Santos, Antero Pires Cardoso, Manuel Gamelas Vieira, Manuel Pereira Campos Naia e Afonso Júlio Seiça Neves; e a menina Maria Manuela, filha do sr. Mário Ferreira Lourenço.

Em 16 — As sr.as D. Ortélia Henriques Abranches, esposa do sr. Mário Gonçalves Andias, e D. Maria Eduarda Guerreiro Mendes Vidigal Pinheiro, esposa do sr. Capitão Augusto Soares Pinheiro; os srs. Egas da Silva Salgueiro, Manuel Maria Rodrigues Valente e José da Silva Cravo Novo.

Em 17 — A sr.a D. Maria da Silva Candeias; o sr. José Martins; e as meninas Maria Regina de Almeida Marques dos Santos, filha do sr. Bernardo Marques dos Santos, e Emília da Luz, filha do sr. Jorge de Andrade Pereira da Silva, Tesoureiro do Banco Português do Atlântico em Santo Tirso.

Em 18 — As sr.as D. Maria da Conceição Santos Rocha, esposa do sr. José Augusto Rocha, e prof.a D. Silvina da Silva Raimundo, esposa do sr. Dr. José da Cruz Neto; os srs. José Dinis Marques da Costa e João Sardo; e o menino Jorge Manuel Moreira da Silva Gomes, filho do sr. Jeremias Gomes da Conceição.

NASCIMENTO

Na penúltima quinta-feira, dia 3, nasceu o primeiro filhinho ao casal da sr.a D. Maria Lucília de Almeida Madail Lopes Lobo e do sr. Artur José Lopes Lobo.

Ao neófito vai ser dado o nome de Emanuel José.

Os nossos parabéns

AGRADECIMENTO

Manuel dos Reis, impossibilitado de o fazer pessoalmente, agradece por este meio a quantos se interessaram pela sua sorte durante a tragédia de Agadir, a todos manifestando o seu mais profundo reconhecimento.

Aveiro, 10 de Março de 1960

Um apelo da CARITAS

A União de Caridade Portuguesa (Caritas), perante a castástrofe de Agadir, que reduziu à miséria milhares de pessoas, entre as quais se contam bastantes portugueses, resolveu tomar a iniciativa de dirigir um apelo a todas as instituições, empresas, organismos, colectividades e órgãos da Imprensa. Assim, pretende-se congregar dedicações e generosidades — em ordem a conseguir que a população, sempre altruista, da cidade de Aveiro se manifeste e associe ao movimento de solidariedade que se está a registar em todo o Mundo.

Hoje, pelas 21.30 horas, no salão nobre do Grémio do Comércio, realiza-se uma reunião da Comissão Diocesana da Caritas, com o objectivo de orientar a humanitária campanha em favor dos sobreviventes de Agadir.

DESPORTOS

CONTINUAÇÕES DA PÁGINA TRÊS

FUTEBOL

desastrados na finalização, perdendo, de forma inconcebív-l, uma longa série de tentos quase feitos... E assim é que não surgiu a tão desejada desforra numérica dos 4-0 de Viana, como também não foi desta que o Beira-Mar — que, oficialmente, esta época nunca fez mais de três golos num desafio — conseguiu obter um saldo positivo no seu *goal-average* geral... E, no domingo, o resultado podia ter sido verdadeiramente histórico...

Refira-se, no entanto, que o Vianense foi um bom vencido; sem

Registo

Árbitro — João Pinto Ferreira. *Fiscais de linha* — Jovino de Pinto (bancada); e Aniceto Nogueira (peão) — todos da Comissão Distrital do Porto.

BEIRA-MAR — Violas; Pastorinha, Liberal e Evaristo; Marçal Hassane Aly; Correia, Laranjeira, Raimundo, Mota e Calisto.

VIANENSE — Desidério; Pinho, Gonçalves e Szabo; Hrotko e Melo; Lutero, Job, Gelucho, Barros e Carneiro.

Marcadores — CALISTO, aos 20 e aos 77 m., e RAIMUNDO, aos 41 m., pelo B-ira-Mar; e GELUCHO, aos 65 m., pelo Vianense.

do jogo

nunca descurar o ataque, efectuou, sempre que conseguiu um pouco de alívio no cerco a que esteve submetido, perigosas e rápidas descidas, que muito valorizaram o espectáculo. Aliás, quando o resultado se manteve em 2-1, os vianenses chegaram a inquietar os aveirenses, intranquilos, naturalmente, quanto ao desfecho final, já que, lògicamente, os minhotos reagiram, tentando a igualdade. Mas foi sol de pouca dura, que o 3-1 veio a acabar definitivamente, não se alterando até final. O resultado, contudo, peca por inexpressivo em exagero, sobretudo em função dos g-los que estiveram iminentes, por parte do Beira-Mar.

Raimundo, brilhante, Mota, abnegado e utilíssimo apesar de inferiorizado, Laranjeira e Marçal, ambos incansáveis, e ainda Violas, que, em boa forma, efectuou uma extraordinária parada, plena de beleza, a um remate intencional de Barros, foram os mais destacados, no Beira-Mar. Mas o dispositivo de defesa, logo que Liberal acertou, também se soube impor, tal como os restantes.

No Vianense, a figura grada foi o *keeper* Desidério, seguido por Melo, Gelucho e os *coloreds* Lutero e Job (este mudou para médio, por troca com Hrotko, no segundo tempo).

João Pinto Ferreira, como os seus auxiliares, que o coadjuvaram de forma excelente, continua a merecer-nos inteiro aplauso pelas actuações que tem feito. Magnífico novamente, tal como nos anteriores jogos que tem dirigido (o último em Coimbra, com o União), o juiz portuense, no final, foi felicitado pelos vencidos e pelos vencedores.

TABELA DE PONTOS

CLUBES	J.	V	E.	D.	Bolas	P.
Salgueiros	20	13	3	4	49 - 18	29
Peniche	20	10	4	6	28 - 25	24
Marinhense	20	9	4	7	31 - 24	22
Chaves	20	9	4	7	35 - 30	22
Beira-Mar	20	9	4	7	33 - 34	22
Caldas	20	8	5	7	34 - 32	21
Sanjoanen.	20	10	1	9	40 - 37	21
Oliveirense	20	8	3	9	43 - 40	19
Vianense	20	9	—	11	39 - 38	18
Espinho	20	7	4	9	29 - 37	18
Vila Real	20	6	5	9	38 - 44	17
Académico	20	5	6	9	33 - 53	16
Torreense	20	7	2	11	38 - 40	16
União	20	7	1	12	31 - 49	15

Para amanhã

No Porto
SALGUEIROS-ESPINHO (1-3)

Em S. João da Madeira
SANJOANENSE-PENICHE (2-4)

Em Viseu
ACADÉMICO-MARINHEN. (0-7)

Em Chaves
CHAVES-UNIÃO (1-1)

Em Torres Vedras
TORREENSE-VILA REAL (1-3)

Nas Caldas da Rainha
CALDAS-BEIRA-MAR (1-3)

Em Viana do Castelo
VIANENSE-OLIVEIRENSE (2-4)

Campeonato Nacional da III Divisão

Assinalando o começo da segunda volta da competição o grupo do Feirense alcançou o seu quinto triunfo consecutivo, obtendo o seu terceiro êxito extra-muros. Os campeões aveirenses encontram-se, assim, em invejável situação. Eis a lista dos resultados de domingo:

Pejão, 1-Feirense, 2; Leça, 4-Avintes, 1; Ovarense, 0-Varzim, 0; e Arrifanense, 2-Académico, 1.

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Feirense	8	5	1	2	21-13	11
Arrifanense	8	4	2	2	11-12	10
Avintes	8	3	3	2	18 19	9
Leça	8	3	2	3	14-11	8
Pejão	8	2	4	2	13-11	8
Varzim	8	3	2	3	13-13	8
Académico	8	2	3	3	11-12	7
Ovarense	8	1	1	6	5-16	3

Jogos para amanhã

Varzim-Leça (0-3), Avintes-Pejão (2-4), Feirense-Arrifanense (2-2), e Académico-Ovarense (0-2).

RESERVAS

★ No prosseguimento da realização dos jogos em atraso, no domingo jogaram *Espinho, 1-Sanjoanense, 2; e Beira-Mar, 5-Recreio, 2.*

Em Aveiro, sob direcção de Augusto Silva, os grupos apresentaram:

Beira-Mar — Teixeira; Gandarinho, Lourenço e Carlos Alberto; Mota Veiga e Sarrozola 2; Carlos Júlio 1 (Vieira), Ramos, Dimas, Marcelo 2 e Vitor.

Recreio — França; Rocha, Dário e Helder; Eugénio e Girão; Neu, Aníbal 1, Raul, Dionísio 1 e Anjos.

Ao intervalo: 1-1. Vitória justa, mas inexpressiva, num jogo pobre. Dionísio foi expulso e o árbitro actuou muito aquém do que se lhe deve exigir.

★ Para amanhã, foi marcado o jogo Cesarense-BeiraMar, em Cesar.

JUNIORES

★ Começou a *poule* final, apurando-se os seguintes desfechos:
ESPINHO, 2-SANJOANENSE, 0; e OVARENSE, 1-RECREIO, 1

★ Para amanhã, temos: *Sanjoanense-Ovarense e Recreio-Espinho.*

CICLISMO

vencedor obteve a média de 33,210 km./h..

Iniciados

Percurso de 80 km., por Sangalhos, Mealhada, Cantanhede, Mamarrosa, Aradas, Aveiro, Oliveira do Bairro e Sangalhos.

1.º — Fernando Cerveira (Oliveirense), 2. 44.; 2.º — João Pereira (Sangalhos), 2. 50.; 3.º — Joaquim Marreca (Oliveirense), 2. 50..

Média do vencedor: 29,631 km./h..

★ O Campeonato prossegue amanhã, com provas de independentes (215 km.), amadores-juniores (142 km.) e iniciados (92 km.) passando em Aveiro todos os ciclistas.

BASQUETEBOL

A partida, tècnicamente, agradou em absoluto. O Esgueira superiorizou-se até o intervalo, que surgiu com os grupos igualados a 21 pontos.

Depois, os leceiros impuseram-se e ganharam bem, mas por score exagerado.

A classificação ficou assim ordenada:

Mapas da classificação

SUBSÉRIE A-1

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Leça	4	4	—	—	184-141	12
Sport	4	3	—	1	140-112	10
Fluvial	4	2	—	2	188-158	8
Salesianos	4	2	—	2	147-129	8
Esgueira	4	1	—	3	142-187	6
Figueirense*	4	—	—	4	60-137	3

* Tem uma falta de comparência no jogo com o Sport.

SUBSÉRIE A-2

	J.	V.	E.	D.	Bolas	P.
Galitos	4	4	—	—	182-129	12
Olivais	4	3	—	1	193-116	10
Guifões	4	3	—	1	192-173	10
E. Física	4	2	—	2	145 137	8
Sanjoan.	4	—	—	4	119-196	4
Boavista	4	—	—	4	87-167	4

JOGOS PARA A 5.ª JORNADA

Fluvial-Leça, Esgueira-Sporting Figueirense e Salesianos-Sport, na *Subsérie A-1.*

Boavista-Sanjoanense, Guifões-Olivais e Educação Física-Galitos, na *Subsérie A-2.*

Juniores e Infantis

★ Em juniores, concluiu-se a primeira volta, com os encontros da terceira jornada, que finalizaram assim:

ESGUEIRA, 27 — GALITOS 21; e ANCAS, 27 — SANGALHOS, 35.

A tabela está assim ordenada: 1.º-Sangalhos, 8 pontos; 2.º- Esgueira, 8; 3.º- Galitos, 5; 4.º- Ancas, 2 (tem uma falta de comparência).

A prova continua com os desafios *Esgueira-Ancas e Galitos-Sangalhos*

★ Em infantis, o Sangalhos, em Ílhavo, no sábado, somou os pontos de vitória porque o Illiobum não se apresentou em campo, alegando que não fora devidamente avisado da realização do jogo.

O torneio prossegue com o jogo *Sangalhos-Galitos.*

Xadrez de Notícias

No sábado, em Aveiro, trocaram impressões com várias individualidades aveirens-s os conhecidos dirigentes desportivos srs. Dr. Salazar Carreira e Craveiro Lopes, que orientam a organização dos jogos Luso-Brasileiros.

No Feirense, o responsável pelo grupo de futebol, passou a ser, recentemente, o conhecido técnico Alfredo Valadas, ficando o espanhol Dieste apenas como jogador.

Fala-se, com insistência, em certos meios, no regresso do Beira-Mar ao basquetebol. E afirma-se, também, que determinados elementos do Galitos gostariam de se mudar para a turma que irá representar os amarelo-negros...

Depois do Concurso de Setil, *realizado no domingo, a Sociedade C lumbófila de Aveiro promove, amanhã, a Concurso de Évora, num percurso de 240 quilómetros.*

O sorteio da poule nortenha de apuramento para a fase derradeira do Campeonato Nacional de Andebol de Sete agrupou a Académica com Centro Universitário do Porto e o Galitos com o Futebol Clube do Porto.

Os jogos foram marcados para hoje (primeira mão): Galitos — F. C. Porto e Académica — C.U.P.; e para o próximo sábado (segunda mão): F. C. Porto — Galitos e C U. P. — Académica. Mas, por acordo, o Galitos — F. C. Porto realizou-se ontem.

Em reunião de 8 de Março corrente, a Associação de Futebol de Aveiro resolveu marcar falta de comparência à Oliveirense e ao Beira-Mar por não terem efectuado, em 21 do mês findo, o jogo de Reservas que deviam realizar.

Amanhã, pelas 10 horas, no Estádio de Mário Duarte, realiza-se um desafio particular de futebol entre componentes dos grupos folclóricos Salineiras de Aveiro *e* Tricanas de Aveiro.

Da minha janela...

as vitórias dos ídolos de antanho. Um dia, apareceu no Norte, em representação do F. C. do Porto, um novo de nome Elias Cruz, que não tardou a distingui-se, vencendo grande número de provas, entre elas o «Giro do Minho», uma das mais importantes depois da Volta a Portugal.

Elias Cruz, soubemo-lo mais tarde, é daqui de S. Bernardo. Ainda hoje, ao que sabemos, vive apaixonadamente as peripécias do Ciclismo; e, agora, que o Sport Clube Beira-Mar pensa criar uma Secção, seria excelente que o antigo azul-branco viesse a colaborar no progresso do Ciclismo regional.

A sugestão aí fica, certos de que tanto o Beira-Mar como Elias Cruz poderão apresentar um trabalho que prestigie o Desporto aveirense.

No Centenário de Homem Christo
O AVEIRENSE

Continuação da primeira página

que a escassez de recursos o sujeitava. Ele o conta:

«Lembro-me muito bem de que a única dificuldade que encontrei para fazer o exame de instrução primária foi a falta de botas. Eu andava no mestre régio, de pé descalço, como todos os rapazes da rua Aprendia bem. Quando completava dez anos, estava habilitado a fazer exame de instrução primária. Mas como fazê-lo, se eu não podia entrar no liceu de pé descalço? Foi uma enorme dificuldade. Por fim resolveu-se. Arranjaram-me umas botas de mulher.»

Não resisto a prosseguir na transcrição: «/.../ Sem o hábito de botas e com botas de salto de peão, não dava meia dúzia de passos sem que não caísse. Lá fui, ora caindo ora arrimado às paredes, como ébrio. Lá fui, alvo da risota de todo o mundo que me via. Mas... brilhei no meu exame. E o brilho do meu exame, duma criança desprotegida e pobre, assim tão pobre!... pôs termos às galhofas, apagou todos risos e chamou lágrimas a alguns olhos.»

Nunca, no futuro, a falta de apoio, ou um apoio precário e instável como os saltos de peão de umas botas de mulher lhe tolheriam o caminho para se impor e para vincar a sua poderosa personalidade.

Até por volta dos doze anos a sua convivência mais estruturada estabelece-se entre as companheiras de suas irmãs, «as lendárias tricanas de Aveiro», cuja gentileza e elegância, ele, tão parco nos elogios, sempre louvará — aquelas mesmas, cujos bailes, «os *pelotes*, como então a gente do povo designava os homens da classe mais elevada, preferiam aos das senhoras». Com as tricanas e a gente do povo, nos seus costumes e tradições, se lhe forja e radica o espírito de aveirense. Nesses contactos toma consciência das necessidades do povo e da sua terra, e se lhe afeiçoa.

«Nunca se apagarão do espírito do homem — escreverá um dia — as influências do meio em que nasceu e se desenvolveu. Ama a família antes de amar a humanidade; ama a pátria pequenina, antes de amar a grande pátria. Tirar-lhe essa escola de valores é estirilizar-lhe o coração».

Aveiro ficou no mais profundo do seu afecto. Numa breve descrição, enlevado no seu entusiasmo, algures lhe canta o seu hino — aos campos circundantes, «à ria, à grande ria, com os seus canais, os seus ilhotes, as suas marinhas de sal, os trechos de paisagem a mais doce, a mais suave, a mais terna, a mais encantadora que podem gozar os olhos de um mortal»; à própria cidade, que vê dominada pelas igrejas do Carmo, da Misericórdia e de S. Domingos; e «ao longe, coroando este quadro, ao mar imponente, ao mar imenso, que eu sinto em dias bravos no seu clamor terrível e ao mesmo tempo plangente».

«E sinto sempre — conclui, maravilhado — que, no meio de tantos encantos, o maior de todos os encantos, ainda assim, é, para mim, o ser esta a minha terra. Dobra os encantos. Como não havia, como não há-de dobrá-los, se, sem encanto nenhum da natureza, esse seria, só por si, um grande encanto».

Não há aí literatura, rebusca de palavras ou efeitos. A linguagem que usa sempre é a da sinceridade mais espontânea. Alguma vez, na sua veemência de lutador implacável, parecerá ter negado esse sentimento de filial amor à sua terra. Mas anda aí escrito numa legenda, sob o seu retrato, essa frase que lhe define o temperamento e explica a aparente contradição: «Pode parecer que maldigo, em horas amargas, a terra em que nasci. Quando mais me inflamo nesse ímpeto é quando mais sofro por ela e mais a choro». E a afirmação tanto se aplicará à «pátria pequenina» como à «grande pátria».

Se lhe propõe, quando os de ao de cima perseveram no erro, ou ao menos onde ele o vê, um brazão irrisório e deprimente; se reclama para a sua cidade natal o «galo de prata» simbólico da aldeia que permanecia mais fiel ao seu primitivismo etnográfico e à enquistante rotina; se a qualifica de «aldeola mais ou menos bela, mas sem valor na vida nacional», fala dominado pelo desconsolo, pela amargura de a não ver alcançar o ritmo de progresso que sonhara e lhe deseja. Vislumbrara-a maior e mais digna, mais merecedora da sua afeição e da dos seus conterrâneos «uma cidade de 100 000 habitantes, bela, cheia de monumentos, rica e com um futuro brilhante diante de si».

Homem de impaciências e ardores, desprezador de eufemismos e blandícios, incapaz de adulações ou de meias atitudes, ao zurzir os homens sobre quem descarregava a férula, aparentava menosprezar o que lhe era mais caro e respeitável. Movia-o a desilusão, que não o abatia, e antes lhe incendia o ânimo voluntarioso, antes o lançava na indignação e no protesto. Os seus brados de cólera, a sua linguagem rude e contundente dos mais viris assomos, a sua inflexível independência só eram postos em jogo por alguma causa que valesse a pena.

Aveiro era uma dessas causas capazes de o apaixonar, uma das grandes molas que impulsionavam o seu titânico vigor, um dos polos dos seus sentimentos. E aí o tivemos a bater-se com esse denodo, essa penetrante, esse desencadear de razões e de impropérios para quem lhes nega a evidência, com toda a empenhada aspiração de bem servir e proficuamente, a bater-se pelos problemas maiores da nossa terra. Com indomável energia, com o ardor de um fundibulário que a inépcia, a obtusa teimosia, ou a simples molenguice ou a transigência com o não-te-rales e o erro irritavam, até aos seus explosivos ímpetos de cólera castigadora, com o intrépido entusiasmo do polemista convicto da sua força inexaurível, avassaladora, que pulveriza os contraditores com um irrefragável poder de lógica, com a ciência e a consciência dos temas, aí o vimos e o acompanhámos, nessa fase única, há muitas décadas, em que foi a voz potente e profética que nos fez entender os nossos destinos de aveirenses, e nos galvanizou e nos uniu num sentimento comum — a que só não aderiram alguns políticos... por política.

Leiam-se os seus artigos sobre o porto de Aveiro — ainda então no campo das aspirações e das hipóteses — e, como noutras campanhas memoráveis, nós que somos cordatos e linfáticos, «sentíamos a impressão como que física dessa torrente tempestuosa de factos, de argumentos e de varonil eloquência». Essa sensação, que tantas vezes se repetiria nos seus leitores, confessou-a em certo ensejo esse símbolo de intransigente honradez que foi Basílio Teles, e que acrescentava: «Mas... como o «Povo de Aveiro» é semanal, vou ler o que em geral se diz sobre o assunto — e sabe você o que sucede? Isto: figura-se-me que, acabando de ouvir tumultuar e rugir o Maelström, me entretenho a ouvir escoar-se pacificamente uma presa». Esse homem que, quando esteve em condições de o provar, possuía grandes qualidades de realizador, para construir ou para demolir, era sempre uma força viva que nenhum dique detinha, era como um furacão que tudo varre, como uma avalanche, que tudo devasta — menos o essencial —, como o mar que ruge e esbraveja e está cheio de riquezas e de caminhos e é a fonte de que Aveiro vive desde que nasceu e lhe dá os alentos renovados para o engrandecimento já desenhado.

Essa campanha do regresso de Aveiro ao mar, da qual andava afastada por involuntárias contingências, como o filho pródigo, paralelamente à sua acção pertinaz e esforçada na presidência da Junta Autónoma da Barra, com o que contribuiu para esclarecer o vital problema desta terra, que estiola sem a água salgada do oceano, para a revisão de erróneas ideias dominantes que eram adversas aos anseios da gente da Ria, e para a criação do ambiente e das condições que permitiriam efectivar a velha, a máxima aspiração que era o nosso porto, basta só por si — e de longe sobreleva a outros serviços que por hoje omito — para que a nossa admiração e o nosso reconhecimento ergam Homem Christo à altura, não só dos aveirenses mais eminentes de qualquer época, mas dos que foram mais prestimosos a esta urbe milenária.

Aveiro, aliás, se é apontada como a «terra de José Estêvão» — e a de Santa Joana, mesmo não tendo nascido, nesta sua «Lisboa a pequena, que lhe guarda as cinzas» — muitas vezes foi por antonomásia também designada como a «terra de Homem Christo». E não há aí um mero capricho pessoal e fortuito: há, sim, a consagração do grande jornalista como uma glória de Aveiro, há como que o espontâneo atestar de uma identificação — e de que ele era arreigada e devotamente um aveirense.

Eduardo Cerqueira

OS PRIMEIROS ACTOS COMEMORATIVOS

Espontânea, e, por isso mesmo, sinceramente sentida, a romagem de domingo último ao túmulo de Homem Christo — ainda que apenas no âmbito do Cemitério onde repousam as suas cinzas — teve a eloquência das homenagens que tanto mais dizem quanto mais silenciosas.

Os aveirenses acorreram em multidão para depor flores na jazida do grande Aveirense. E, com tão dignificante gesto, dignificaram Aveiro, demonstrando como Aveiro não esquece, no momento oportuno, aqueles que, como seus méritos, ligaram o nome ao nome da terra que lhes foi berço.

E é que Aveiro esteve, junto da campa de Homem Christo, em toda a sua plenitude: a gente anónima do trabalho salariado e a melhor intelectualidade aveirense; a humilde mulher do povo e a feminil distinção da elegante.

★ Na homenagem participaram, também, com os seus estandartes e deputações: a Sociedade Recreio Artístico, o Clube dos Galitos, a Companhia Voluntária de Salvação Pública Guilherme Gomes Fernandes (Bombeiros Novos), a Banda Aveirense, o Sporting Clube de Aveiro e os conjuntos folclóricos «Salineiras» e «Tricanas».

★ De Lisboa, vieram expressamente para assistir ao preito: os filhos de Homem Christo — D. Carolina, Dr. Fernando e D. Joana Manuela; e os netos — António e Maria Manuel. Acompanhou-os a antiga secretária do panfletário D. Maria Rosa da Encarnação Duque.

★ A Câmara Municipal, em cumprimento do deliberado na sua penúltima reunião, mandou colocar, no dia 8, precisa data do Centenário do nascimento de Homem Christo, um ramo de flores no jazigo do grande jornalista.

A proposta foi do Presidente da Câmara, sr. Dr. Alberto Souto, que endereçou ainda um telegrama de cumprimentos, em nome do Município, à família do antigo e operoso Presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro.

★ Na reunião de segunda-feira, o Rotary Clube de Aveiro decidiu, por unanimidade e sob proposta de Eduardo Cerqueira, instituir o «Prémio Homem Christo» (500$00), a conferir à melhor aluna da Escola do Magistério Primário, em homenagem ao ilustre Aveirense, um dos maiores paladinos da instrução em Portugal.

Rotary Clube

Na passada segunda-feira, sob presidência do sr. Eng.º José Pereira Zagalo, realizou-se mais uma reunião do Rotary Clube de Aveiro.

Feita a costumada saudação à Bandeira Nacional, pelo sr. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, foi guardado um minuto de silêncio em memória dos portugueses e rotários mortos em Agadir. O Rotary de Aveiro resolveu ainda, sob proposta do seu Presidente, enviar telegramas ao Governador do Distrito Rotário 173 (Marrocos) e ao Clube congénere de Casablanca, expressando o seu pesar pelo cataclismo ocorrido na desaparecida cidade de Agadir.

O Secretário do Clube sr. Carlos Manuel Gamelas, procedeu à leitura do expediente, iniciando-se, depois, o período de *Actualidades e Curiosidades*, em que usaram da palavra os srs. Carlos Grangeon Ribeiro Lopes, que evocou a tragédia de Agadir, onde se encontrava no preciso momento da eclosão da tragédia; e Eduardo Cerqueira, que lembrou a passagem do Centenário de Homem Christo e, como noutro ponto deste jornal se refere, propôs a criação de um prémio escolar com o nome daquele notável aveirense.

Realizou-se ainda a habitual *quête* destinada aos fins assistenciais do Clube.

Um pormenor da romagem, na manhã do último domingo, à campa de Homem Christo

No 1.º Centenário do Nascimento de Homem Christo

CONTINUAÇÕES DA PRIMEIRA PÁGINA

UM PENSAMENTO E UMA VIDA

cula figura, de têmpera rija, *de antes quebrar que torcer*, de que nos fala o clássico Sá de Miranda.

O que me traz aqui de novo é justamente o complexo panorama psicológico de uma vida que passou, na sua maior parte, a destruir o que parecia inabalàvelmente firme aos olhos da vulgaridade mesquinha de cegos pela paixão ou ébrios de ambições, que ele sempre desprezou, não deixando no espólio desse constante combate que foi a sua vida, vinco, o mais débil, de dobre de espinha em adulações interesseiras.

Pode mesmo dizer-se que a sua mais alta e mais nobre qualidade foi esse culto de independência pessoal e rigidez de critério que o tornavam temível por não ser maleável.

Abominou sempre a lisonja e não temeu a desventura ou a intranquilidade para se negar a formar fileira no troar ruidoso da hipérbole laudatória, ou para furtar-se a clamar a sua verdade em altaneira voz, denunciando não precisar das graças dos respectivos dispensadores oficiais, ainda que em bens materiais delas pudesse carecer.

Viveu econòmicamente na mediania, recluso do seu pensamento interior, punho firme no seu gládio demolidor. Não trocava essa liberdade por nenhum galardão de proveitosas benesses.

Já aqui se nota uma das aparentes contradições da sua vida: republicano de sempre, trocou o romantismo liberal do século pelo realismo do varapau com que procurava varrer do tablado ídolos de pés de barro.

Sendo um democrata, nunca adulou a plebe ou a incitou aos excessos demagógicos contra o trono ou contra o altar, sendo, aliás em fé, um negador, mas respeitoso, da crença alheia; e, em política, na doutrina ideológica que professava, sendo um anti-realista, não aceitando o chefe do Estado hereditário por o julgar melhor eleito pelas assembleias, poucos dos servidores do Rei D. Carlos com este trataram ou a ele se referiram com a nobre e respeitosa sinceridade com que Homem Christo apresentou ao público, várias vezes, a figura grande do Soberano.

Se o aproximarmos dos outros fundibulários que vegetavam em farta messe no campo republicano — de um João Chagas, de Junqueiro, de Gomes Leal, ou de França Borges, e doutros plumitivos da Revolução — que diferença enorme os separa!

No ataque ao regime, nunca bolsou para a Imprensa as injúrias pessoais de Junqueiro contra o Rei Simão, como nunca atirou à honra das mulheres at pàsadas de lama que o «Mundo» atirava às damas do Paço.

Em matéria de fé, discordante da crença religiosa no seu pensamento agnóstico (tanto sem fé que quis ser enterrado civilmente), nunca fez da pena alavanca de esterquilínio para escrever a «Velhice do Padre Eterno», de Junqueiro, ou o «Anti-Cristo», de Gomes Leal, e a poucos deve Aveiro a restauração da sua Diocese, em permanente campanha de «O Povo de Aveiro», como o deve a esse fundibulário, que parecia não olhar a meios para derrubar ídolos.

Companheiro dos tempos da propaganda republicana dos mais ardorosos das fileiras anti-trono, logo que os viu no Poder, não os poupou, zurzindo-os mais impiedosamente do que aos que se postavam no campo adverso. Oficial do Exército, um dia é destituído de todas as nobres qualidades de militar por se recusar a bater-se em duelo — acusado de covardia!...

O mesmo aconteceu a outro grande lutador da Imprensa e pensador católico, Fernando de Sousa, distinto oficial de Engenharia. Irmanavam-se os dois, tão distantes um do outro em crenças políticas e religiosas, embora o que este último fez por fidelidade à sua crença, Homem Christo o fizesse pelo horror à hipocrisia da defesa da honra pelas armas. Exilado, por ver ameaçada a vida por um decreto de alfurja demagógica ou maçónica, viveu no exílio com os monárquicos, em Espanha e na França, sem nunca abdicar dos seus princípios.

Figura estranha esta de facetas tão contraditórias!

Todo este contraditório, porém, dessa vida tão agitada, era aparente. No fundo, em toda essa acção disforme e multiforme, havia unidade de pensamento e correspondência na acção. Amava os princípios e abominava as traições. Zurzia os ídolos lisonjeados pela plebe, porque eram falsos, negando estes, com actos, a pureza da doutrina. E fazia-o sem temer as represálias do Poder ou os rugidos da plebe enfurecida.

Tudo aparências de contradição, como as tinha em causas mais particulares. Parecia uma fera — e era de encantadora docilidade e ternura para as crianças e para os desprotegidos.

Aqui deixo o meu depoimento insuspeito na passagem do primeiro centenário do seu nascimento.

Querubim Guimarães

No Triunfo duma Campanha

!...! Louvado seja Deus! É então certo que o porto de Aveiro, ha seculos abandonado, vae, emfim, ser construido!

Não supponha ninguem que a campanha a favor do porto de Aveiro em que temos andado empenhado é uma simples questão de bairrismo. De nenhum modo! Essa coisa miserrima de pôr acima dos interesses geraes os interesses do bairro, não é para o nosso caracter nem para a nossa intelligencia. Antes, por educação, por temperamento, por feitio, nós somos a antithese do bairrista. Não armamos á popularidade, pela qual tivemos sempre o mais absoluto desprezo. Não somos eleiçoeiro, nem politico, no sentido torpe deste termo. Nunca ninguem nos viu a arranjar votos, ou a especular com o voto, nem agora o ha de ver no fim da nossa vida. Quem chegou sem mudança até aqui, pode affirmar com segurança que assim é até final. Não somos emprei-teiro, não somos industrial, não somos negociante. Nenhum interesse material, o mais pequenino interesse material, nos liga á construcção do porto d'Aveiro. O bairrista por simples amor do bairro é um parvo. O que finge de bairrista por interesse occulto é um tratante. E a nós ninguem nos tem na conta de parvo nem, pela ausencia de motivos para ganhar seja o que for com a construção do porto de Aveiro, nos pode ter na conta de tratante. Mas, conhecedor das riquezas que se podem tirar da Ria e Barra de Aveiro, tendo estudado a fundo esse caso, certo da enorme importancia que este porto vem a adquirir, considerámos e continuamos considerando a solução d'esse problema de enorme vantagem para o paiz. É como portuguez que o temos tratado e defendido.

Aveiro ganha, é certo, o que não nos é indifferente pois somos aveirense. Mas ganha com ella, e muito, a região. Mas ganha com ella, e muito, o paiz. E temos visto com prazer, summo prazer, que são da mesma opinião todos os engenheiros, todos os homens da especialidade, todas as pessoas competentes !...!

Homem Christo

in «O Povo de Aveiro», de 6-1-1929

O POVO DE AVEIRO

Proprietario, Director e Editor — HOMEM CHRISTO

Anno XLVII — 3.ª série — AVEIRO, 8 DE JUNHO DE 1930 — N.º 167 — 3.ª série

Para Onde Vamos?

Engenheiro Von Hafe

Porto de Aveiro

Campo de S. Domingos

Junta de Recrutamento

Automovel Essex

«O Povo de Aveiro» levou a toda a parte o vigor indómito e justiceiro da pena de Homem Christo e foi, por décadas, valoroso baluarte das grandes causas nacionais

---

TESTEMUNHO

a sua linguagem despejada, linguagem que, aliás, tem nesta Ibéria muito onde ir mergulhar as raízes. Além de que, a dureza das lutas que travava quase o obrigava a meios de expressão sincronizados, pois o vigor da polémica sempre levou os portugueses a uma linguagem condizente que é quase tradicional. Que da pena lhe sairam, por vezes, sarcasmos escaldantes, é coisa que licitamente se não pode negar; mas é também certo que isso se deve, em grande parte, a glóbulos com dote carregado que lhe circulavam no sangue e que eram oriundos da tradição desta Península, sempre assomadiça e sempre combativa.

De resto, ao marinheiro, no auge da procela, não se pode pedir que trate por *irmão vento* o vendaval que lhe varre o convés e antes é lícito admitir que lhe chame o «estupor do vento» já que as tempestades não dão oportunidade de usar uma linguagem macia ou adocicada.

Terá sido por vezes injusto? É possível, é compreensível e o clima de luta é atmosfera favorável a erros de visão e a colapsos do espírito crítico. A avaliação rectilínea dos factos implica serenidade de espírito, coisa que Homem Christo, em muitas circunstâncias, não podia usufruir, dada a violência das refregas.

Cem anos são passados sobre o seu nascimento e muitos somos ainda os que o conhecemos. E eu, por mim, só posso trazer o testemunho dum homem que teve o prazer da sua convivência e que experimentou, ao seu contacto, a maravilha de um diálogo aberto, que não emperrava em atitudes dogmáticas e onde fui beneficiário de uma comunicação intelectual perene de clareza de espírito e servida por uma linguagem musculada de expressão viril.

Frederico de Moura

O Porto de Aveiro — fulcro de economia regional e valor incontestável na economia do País — causa grande de que Homem Christo foi o mais tenaz, dinâmico, consciente e operoso corifeu